

# Revolução Socialista

**Jornal Posadista**

Continuação do  
Jornal  
Frente Operária,  
fundado em 1953

R\$ 1,00

“A vida não tem sentido sem a luta pelo socialismo”

J. Posadas

Ano 05 - Nº 14 - Setembro de 2004

## O Referendo na Venezuela: nova etapa da luta das massas latinoamericanas

### Editorial

#### Recuperação econômica e desastre social: o governo precisa mudar de rumo!

O Referendo na Venezuela, no qual está em jogo a continuidade e a consolidação da Revolução Bolivariana e, com ele, um instrumento importantíssimo de sustentação e estímulo para a luta das massas latino-americanas, e para o Brasil, por timidez da direção petista e da Cut, não está sendo vivido em toda a plenitude política, com atividades organizadas, pelo povo brasileiro, o que lhe possibilitaria um enorme aprendizado. Na Venezuela há uma opção por uma política que fortalece o setor estatal, as reformas sociais, a independência dos EUA e a integração com a América Latina.

O apoio do PT tem se limitado a posições formais, buscando não se enfrentar com os EUA, e ao envio de uma delegação sem maior representatividade, como se fora uma atividade de rotina. O que corresponde à política do governo Lula, ainda presa ao continuísmo de políticas econômicas patrocinadas pelo grande capital externo. A divulgação de informações sobre o desempenho econômico brasileiro, com destaque para um novo recorde no superávit primário, agora alcançando um total de 46 bilhões de reais, 13,6 bilhões acima do exigido pelo FMI, longe de ser

motivo de comemoração ou para justificar os crescentes elogios da grande mídia capitalista ao Palloci, deveriam servir de preocupação e para uma reflexão ainda mais aprofundada sobre a necessária mudança de rumo do governo Lula.

Aumentar o superávit primário, aumentar o aperto fiscal, mesmo reduzindo a dívida pública em relação ao Produto Interno Bruto, e até mesmo com os sinais de recuperação, muito tímidos, na atividade econômica, com efeitos sobre a redução da ainda elevada taxa de desemprego, mais que prova de sucesso econômico, pode, ao contrário, ter efeitos políticos desastrosos na continuidade de uma política econômica que amplia os privilégios do setor financeiro, como denuncia o próprio Vice-Presidente, José Alencar, realimenta novos ciclos de endividamento externo, reforça uma opção retrógrada de um país que se rebaixa ainda mais como fornecedor de produtos primários para o mundo - com os preços dos produtos controlados lá fora. Sobretudo, isto pode significar, perigosamente, uma tendência em ignorar o desastre social gigantesco que esta política econômica vem causando ao povo brasileiro, tornando ainda

(Continua na página 2)

O resultado do referendo confirmando a permanência de Hugo Chávez no governo da Venezuela é uma grande vitória para toda a América Latina. Em um ato de luta, o povo venezuelano agüentou 9 a 10 horas em pé para barrar mais esta tentativa golpista e anti-social da oposição burguesa e dos lacaios do imperialismo. Correndo todos os riscos de um referendo imposto pelos tiranos da fraude, venceu a justiça histórica e o direito democrático de Chávez continuar com suas políticas públicas de defesa do petróleo, do gás e das energias como bem da nação e do povo, avançar na reforma agrária, e em todas as medidas já iniciadas para que os favelados, camponeses e operários da Venezuela possam finalmente ter acesso à comida, ao transporte, à eletricidade, à cultura e à saúde negada por séculos pelos magnatas do petróleo.



O povo venezuelano vota e estende as mãos às medidas econômicas e sociais do comandante Chávez e da revolução bolivariana

Rompe-se, pela primeira vez e de maneira emblemática, o ciclo do uso do principal recurso natural da nação, o petróleo, para benefício de uma camada restrita da população e com um nível de vida e padrões culturais totalmente americanizados; de fato, a emigração destes setores e seus capitais aumenta rapidamente. Não há compromisso algum com o próprio país, quando este se prepara para incorporar aos direitos mais elementares uma massa enorme de cidadãos, sempre excluídos pelas oligarquias que dominaram todos os recursos nacionais por décadas, sem qualquer preocupação por desenvolver a economia, e dar acesso à cultura para a população nativa.

A “greve” ou locaute do petróleo de 2003, na verdade parte integrante da fracassada conspiração golpista, levou o governo a demitir quase 16 mil funcionários, em particular altos executivos, que se nutriam das benesses do setor petrolífero, em perfeita har-

monia com os interesses norte-americanos. O “New York Times” e a imprensa americana especializada preocupa-se pelo fato que os níveis de produção foram retomados, apesar de toda esta perda de “quadros” gerenciais e técnicos. E, principalmente, porque bilhões de dólares provenientes da receita petrolífera estão sendo utilizados nos projetos sociais de Chávez, em benefício da grande massa da população. Isto sim, do ponto de vista do capitalismo, é imperdoável. Além do significado eleitoral que pode ter, levando crescentes setores da população a votar pela continuidade do governo Chávez.

A intelectualidade brasileira como as que assinaram o manifesto “*Se eu fosse venezuelano votaria por Chávez*”, os observadores e militantes internacionais e as massas oprimidas da América Latina torceram pela vitória eleitoral na Venezuela, como grande possibilidade para seguir adi-

(Continua na página 4)

O Plebiscito na Venezuela

Página 3

Televisão do Sul

Página 4

Integração da  
América Latina  
(J. Posadas)

Página 6

Canções Revolucionárias  
na Nicarágua e Venezuela

Página 8

“Revolução Socialista”  
na Internet  
[www.revolucaosocialista.cjb.net](http://www.revolucaosocialista.cjb.net)

## EDITORIAL

(Vem da página 1)

mais difícil uma condição política para rever planos, alterar prioridades – hoje favorecendo banqueiros e exportadores – enquanto a reforma agrária continua sem merecer sequer a mínima parte desta imensa montanha de dinheiro formada pelo aperto fiscal, pela redução de investimentos estatais na área social (com raras exceções), pela manutenção do elevado confisco tributário dos governos anteriores. Ao lado do que a grande mídia apresenta como sucessos econômicos estão a queda da renda média dos salários, a continuidade do arrocho salarial, a vergonha do Brasil ter um dos mais baixos salários mínimos do mundo, embora tendo uma das mais altas taxas de acumulação de lucros pelos bancos que se conhece, e a persistência dos vexaminosos indicadores sociais de miséria e baixo desenvolvimento humano, como demonstrou recente relatório da ONU.

A criação de uma Câmara de Desenvolvimento, a ser dirigida por José Dirceu, combatida pela direita como renascimento da tendência estatizante, vem acompanhada de um aumento do volume de elogios da grande mídia ao Palocci e sua política, e também da divulga-

ção de um livro pelo ministro Gushiken, no qual se reconhece como positivas as linhas mestras neoliberais do governo FHC, podem ser mais que sinais difusos de um debate interno que não convoca o partido, ignora o movimento sindical e social, os intelectuais, mas que aponta a urgência e o momento pra lá de apropriado para se discutir qual o modelo de desenvolvimento o Governo Lula realmente quer. Até o momento, há um conjunto de políticas que reiteram em aspectos predominantes as metas neoliberais do governo tucano, quais sejam o aperto fiscal, os cortes sociais, a realimentação dos vínculos com o FMI, o fortalecimento do setor agro-exportador e o enriquecimento sem limites dos bancos. Apesar de todo o discurso do governo Lula reivindicando uma opção social de suas políticas, este é o leque de políticas fundamentais que se pratica. Junto delas as tentativas intermediárias, oscilantes e tímidas para recuperar o papel protagonista do estado, representado por algumas ações importantes do BNDES, ou de posições que contêm um alto grau de ambigüidade, como, por exemplo, no novo modelo elétrico da ministra Dilma, elaborado com ampla participação dos grandes capitalistas do setor (o que foi valorizado por Lula), enquanto o Movimento dos Atingidos por Barragens, os sindicatos e universidades foram totalmente mantidos à margem, apesar de suas graves denúncias de que as parcerias público-privadas no setor vão manter, no fundamental, um modelo elétrico que expulsa grandes contingentes, mantém privilégios das grandes indústrias multinacionais que têm energia a preço baixo e não recupera de fato o controle do setor pelo Estado.

O exame destas linhas políticas fundamentais, a necessária avaliação estratégica de seus erros e prejuízos, não podem depender de um outro gerente ou diretor de empresa estatal. Se há algo em que o governo Lula realmente poderia inovar seria na convocação de vastos setores sociais organizados para o debate dos rumos que o país precisa. Não há presidente mais credenciado. Exemplo disto, é a marcação pelo governo da sexta rodada de licitações para vender as novas reservas de petróleo às multinacionais petrolíferas, quando havia se comprometido em não dar continuidade a estas políticas iniciadas no governo FHC. Grandes reservas de petróleo poderão ser transferidas às empresas multinacionais, o que na prática inviabiliza a anunciada auto-suficiência no setor. De que adianta des-

cobrir petróleo se estas reservas serão internacionalizadas, aliás, em franca violação da Constituição, que também foi assinada pelo presidente Lula em 1988? Esta desnacionalização anunciada de petróleo é fruto de uma política de subordinação do país aos interesses das multinacionais, um verdadeiro crime contra o povo brasileiro! É de enorme importância o apelo público feito pelo General Sérgio Lessa, presidente do Clube Militar, a Lula para que suspenda esta entrega de patrimônio e convocando a população para uma nova Campanha “O petróleo é nosso!”. É fundamental que os movimentos sindical e social, os estudantes e intelectuais, unam-se aos militares nacionalistas para impedir este suicídio político de Lula, num momento

encontre no Brasil o mesmo eco positivo que encontrou no governo argentino, já com vários acordos de cooperação energética firmados, entre outros.

O desastre social brasileiro se avoluma com o arrocho fiscal-monetário e mesmo que algumas políticas possam ter efeitos imediatos e localizados na redução dos indicadores de enorme miséria, a manutenção de um modelo econômico que reproduz e realimenta, a longo prazo, a concentração de renda, não permite uma política de pleno emprego e que desestimula o investimento com prioridade, volume e urgência nas políticas sociais, termina por prolongar o sofrimento social do povo brasileiro. Além dos salários em queda, aí estão a alta das tarifas de telefone, gasolina,

governo conseguissem fazer o debate amplo e democrático, com plena participação do PT e dos movimentos sindical e social (MST, MAB Pastorais, nacionalistas, intelectuais etc) com capacidade de rever esta linha fundamentalista de arrocho fiscal-salarial, corte de verbas sociais, e para definir uma política de investigação e recuperação das gigantescas perdas sofridas pelo país com a privatização entreguista de FHC. Não por acaso, após o Ministério Público abrir inquérito contra os danos aos cofres públicos causados pela privatização das telecomunicações, surgem as denúncias de espionagem eletrônica contra ministros e banqueiros, aparentemente ameaçando os setores que queiram abrir a caixa preta das privatizações. Ao não tomar esta iniciativa, o governo Lula poderá dar uma anistia por antecipação a estes gigantescos crimes e lesa-pátria da Era FHC. O debate sobre a necessidade de maior presença do estado na economia, sobre o fortalecimento das políticas públicas, sobre inadiável prioridade à reforma agrária poderia certamente dar uma função histórica a esta Câmara de Desenvolvimento, permitindo que se realize aqui que até o momento vem sendo impedido pela predominância das atuais políticas: uma aliança do governo Lula com o movimento sindical-social-popular, mas para a aplicação imediata de um programa para empregar essa enorme massa de recursos que se economiza com o sacrifício da população na geração de emprego e renda, na produção de alimentos, roupas, móveis, bens de consumo leve, construção de casas, hospitais e escolas, saneamento básico, estradas. Manter a atual política é adiar indefinidamente estas inquestionáveis prioridades, e foi com esta intenção que a maioria dos brasileiros, sobretudo a população explorada, votou em Lula. Até o momento, mantém um divórcio entre o voto de 2002 e as políticas do governo Lula. As condições para uma mudança de rumo estão presentes. As lutas das massas dos países da América Latina contra o neoliberalismo e seus efeitos nefastos, a resistência do projeto socialista em Cuba, o voto dos bolivianos pela estatização do gás (apesar da manipulação), o avanço das políticas estatizantes e sociais na Venezuela, a luta dos Sem Terra, dos Sem Teto, as explosões de estudantes na Bahia e Santa Catarina, formam parte de uma condição política para um outro rumo ao governo, que resgate o sentido histórico do voto em Lula! □

1 de agosto de 2004



Manifestantes da FUP do MST e da CUT no Rio de Janeiro contra o leilão da Petrobrás

em que o mundo se devora em guerras por petróleo e que o imperialismo prepara-se para novas agressões contra países com potencial de desenvolvimento, como a Venezuela, tal como fez no Iraque!

De que adianta enaltecer a correta aproximação política com a China, se, no caso, os acordos econômicos lá realizados reduzem o Brasil a fornecedor de matérias-primas, enquanto a China vai se transformando em uma potência industrial inserida no mercado internacional, diga-se de passagem, com o prejuízo de várias de suas grandes conquistas sociais originárias da Revolução Socialista? A aproximação do Brasil com a China, ou a Índia, ou a Rússia, é absolutamente estratégica num mundo marcado pela política agressiva guerreira dos EUA contra qualquer país que contrarie seus interesses, mas não para que o Brasil favoreça apenas o setor da economia controlado pela oligarquia. Deveria ser sustentada em uma política de integração de vários setores econômicos, industriais, tecnológicos, como também no campo da cultura, da educação, do esporte, da comunicação, aliás, como vem sustentando o presidente Hugo Chavez, muito embora não

álcool e luz elétrica, o abusivo preço do gás, o golpe contra a classe média via planos de saúde, ao passo que o sistema público de saúde continua em situação falimentar, e os recursos públicos são sugados pelo sistema financeiro. Aliás, contraditoriamente, o presidente Lula chegou a reconhecer que falta um carro-chefe nas políticas sociais, e que pouco adianta fazer dezenas de pequenos programas com pouco alcance. Porém, mais que vários discursos, o governo já marcou para setembro a continuidade do processo de privatização de rodovias, cujo efeito social é reconhecidamente desastroso, sendo objeto de ação contrária do governador Roberto Requião, honrando seu compromisso de luta contra as políticas de privatização que desnacionalizaram a economia brasileira e fizeram os brasileiros mais pobres.

A reação negativa da mídia contra a Câmara de Desenvolvimento e contra José Dirceu pode sim estar indicando a existência de um movimento mais sólido de tendências no governo para rever os rumos do mesmo até agora altamente benéficos ao grande capital. Isto realmente só ficaria patente se as correntes insatisfeitas no interior do

J. Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



Expediente  
“Revolução  
Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT –  
Regulamentada junto ao

Diretório Nacional

Continuação do Jornal “Frente

Operária”, fundado em 1953.

Diretor Responsável:

C. Almeida – Reg. Prof. 049/SP

E-mail:

revolucaosocialista@samerica.com

Página Web:

www.revolucaosocialista.cjb.net

Correspondências:

Caixa Postal 3516 Cep 70084-970

Brasília DF

## O Plebiscito na Venezuela

(Vem da página 1)

ante nas medidas de unificação da América Latina. Venceu a idéia da Petroamérica proposta por Chávez para coordenar a prospecção e distribuição pública do petróleo no Brasil, Argentina e Venezuela, em perspectiva de inclusão futura da Colômbia, do Chile, Peru e Bolívia. Isso, num momento crucial, dentro de um contexto de guerra mundial, e invasões desesperadas dos EUA, como na ocupação do Iraque, será um grande golpe ao imperialismo, diante do qual, não há que cair na ingenuidade de soluções pacíficas.

Urge ajudar a revolução bolivariana a reestruturar-se, que não se transforme em presa fácil da ingenuidade e da retórica, que tome passos concretos para dar solidez à intervenção das massas pobres, em todos os níveis, em cada quarteirão, fábrica e comunidade; reforçar a atuação social do exército, com a convicção plena que a elite vai utilizar todos os meios, além da mídia, da conspiração e da provocação militar, para desarticular a ação do povo em favor do seu Presidente. O processo eleitoral é um palco de um conflito social áspero e duro, onde nenhum golpe vai ser poupado para impedir a continuidade da Revolução. Não há que encerrar com ingenuidade os resultados eleitorais que, mesmo que extremamente favoráveis, e que tenham provocado um enorme desconcerto na "oposição", e mesmo entre os seus aliados nos EUA. De fato, as cisões na Coordenadora Democrática, tendo em vista mesmo o próximo turno eleitoral para Municípios e Governos provinciais, dão a impressão que os inimigos da revolução vão acatar de algum modo o resultado das urnas. Mas bastou que Chavez sugerisse a abertura de um diálogo sobre o uso das terras devolutas, improdutivas, para efeitos de reformas urbanas e agrárias para enfurecer à oligarquia.

É bem verdade que o imperialismo, já às voltas com o processo eleitoral nos Estados Unidos e a resistência heróica das massas do Iraque – que praticamente impedem a exportação do petróleo com atentados diários – e uma vez constatando a inelutabilidade da derrota na Venezuela, aparentemente optou por "pacificar" o seu relacionamento com Chavez, inclusive propondo investimentos para a extração do petróleo pesado, já que eles são detentores da tecnologia. Na realidade pesa o fato que a Venezuela exporta 70% ou mais do seu petróleo para os Estados Unidos, e estas são relações técnicas, econômicas e diplomáticas que não se podem romper de um dia para o outro, e custaria com certeza menos que enviar Marines para ocupar diretamente a

Venezuela. Neste momento, seria impensável, o mundo não o permitiria. Mas, mais adiante, quando o petróleo passe dos 50 dólares o barril, e se confirme a crise global desta matéria-prima, nada está excluído.

A questão é não ter ilusões: se o imperialismo e os seus aliados internos não conseguiram livrar-se da revolução bolivariana agora, o farão mais adiante, por outros meios. A questão consiste em aproveitar-se da trégua não tanto consentida, mas imposta pela enorme decisão das massas Venezuelanas, e por isso mesmo reforçar e aprofundar a revolução em todas as suas estruturas, para dar voz orgânica às massas que se manifestaram de maneira tão profunda e unân-



Hugo Chávez impulsiona ações conjuntas entre soldados e indígenas na defesa da soberania nacional

nime no processo eleitoral. Faz bem Chavez de convidar a oposição burguesa a conviver democraticamente com a revolução, a "humanizar" o sistema, afastando-se do capitalismo selvagem. Mas não quer dizer que irão escutá-lo, como devem ter rido à gargalhadas quando Lula propôs um fundo mundial contra a fome. Há dez anos atrás, Fidel Castro, numa conferência em Roma, desafiou a burguesia a impedir as mortes pela fome, que naquela época chegavam a 800 milhões anuais. Os representantes da burguesia, representados na FAO das Nações Unidas, "se resignavam" em reduzir os mortos em "somente" 400 milhões, em dez anos. Pois bem, passados os dez anos, continuam a morrer 800 milhões, ou talvez mais anualmente. A burguesia não pode escutar os apelos de Fidel, nem de Chavez: vai agir de acordo ao seu estreito interesse de classe.

Nesta "trégua" reside o perigo: que os chavistas e os bolivarianos acreditem na autenticidade do processo, na controlabilidade da contagem eletrônica dos votos, e no pacífico reconhecimento da derrota por parte dos adversários. Jamais o processo de luta de classes permeou tanto um processo eleitoral e institucional como o venezuelano. A pressão das classes sociais, de um lado e de outro, expressa-se não só na virulência da linguagem, na radicalização e polarização, mas no fato que grande parte dos "companheiros de viagem" do chavismo comportam-se de maneira hesitante, duvidosa e até mesmo suspeita. Isto

pode ser observado no processo que deu legitimidade à coleta de assinaturas pré-referendo. Na realidade, os comitês pró-Chávez em inúmeras ocasiões, o chamado Comando Ayacucho, não exerceram a função de controle que deveriam ter exercido, frente a evidências avassaladoras de fraude. Porque isto? Porque Chávez fala, em seus últimos discursos menciona que vai empreender uma nova "batalha de Santa Ines", alusão a batalha liderada por Ezequiel Zamora, que, em forças minoritárias, refugiou-se no povoado de Santa Ines até que suas forças pudessem organizar o contra-ataque e finalmente derrotar as forças inimigas.

Porque um presidente tão popular, legitimado por 5 eleições, pela aprovação massiva da Constituição



Na Venezuela, mais de 1 milhão se mobilizaram nas ruas, antes das eleições, para impedir fraudes e novos golpes

Bolivariana, pela derrota dos golpistas de 2002, fala em tática de recuo, de defesa e refúgio, à espera de organizar uma resistência?

Chávez pressente que alguns aliados políticos, por oportunismo, debilidade ou incapacidade, podem não resistir às pressões enormes dos setores golpistas e do imperialismo norte-americano, e deixá-lo isolado. Por isto se dirige ao povo, fala a sua linguagem, expressa o seu sentimento, sem intermediações. É esta é a sua força real.

Mas a História da luta de classes e em particular aquela dos movimentos pela libertação nacional e social da América Latina, ensinam que a luta contra o aparelho do Estado capitalista é bem mais complexa, requer instrumentos adequados e os mais preciosos são os quadros com formação ideológica, princípios e compromisso com os oprimidos, além de uma poderosa

organização social, política e militar, dispostos a romper com o velho sistema e propor novas formas de organização estatal e social. Isto existe embrionariamente ainda no movimento e nos comitês bolivarianos, nas comunidades, e é um processo crescente e fundamental. E existe um elemento também determinante, a firmeza de uma direção política que está disposta a ir às últimas conseqüências nesta luta.

Mas trata-se de um processo embrionário, não consolidado, enquanto que as forças reacionárias não cessam um só momento de minar internamente o processo, por meio das resistências no plano jurídico, militar, institucional, na administração do estado, das empresas estatais. É toda a cultura do estado burguês que surge e resiste contra o novo. Mais profundo e radical é o processo, mais forte é esta reação, bem nutrida pelas forças externas, sejam os capitalistas e as elites locais, seja o imperialismo diretamente.

Esta convivência entre o novo e o velho não é absolutamente pacífica, é uma verdadeira guerra civil intestina, um ninho de conspirações.

Caso contrário, jamais teria passado o referendo; as evidências eram por demais claras de fraudes e irregularidades. Da mesma forma que um governador no Brasil é absolvido pela justiça eleitoral por haver depositado na conta de grupos que o favoreceram eleitoralmente 30 milhões de Reais são considerados apenas "indícios", na Venezuela 600 mil firmas suspeitas são consideradas magicamente válidas. O aparelho de justiça não é decididamente, "bolivariano". Nem boa parte da casta militar, dos altos funcionários, das forças parlamentares. Elas estão conspirando ativamente para fazer fracassar o processo enquanto há tempo, enquanto não se transformam as instâncias de decisão, enquanto não se criam os órgãos populares de poder direto, enquanto não se estruturam os comitês de defesa armados, enquanto o povo não tem pleno acesso à cultura e à informação, enquanto não se eleva o nível de organização sindical e política das grandes massas, em suma, enquanto não se estrutura o novo Estado que é preciso formar pois sem ele, a revolução bolivariana não se transforma em socialista, não adquire estrutura própria, e permanece a mercê do conservadorismo burguês, eterno foco de conspiração, retrocesso, e legitimação de interesses privados ou egoístas mesmo no seio da revolução.

Os "companheiros" de hoje podem tornar-se a elite de amanhã, os algozes das idéias socialistas, comunitárias, os campeões do liberalismo, como bem estamos assistindo no Brasil. E não hesitariam em determinado momento em recompor-se com a elite para recupe-

rar o controle das "massas ensanecidas" que pretendem sair da miséria, da exclusão e da pobreza, e "descer dos morros" da periferia da rica Caracas para participar do "banquete".

É preciso portanto dar continuidade à campanha de solidariedade dos intelectuais brasileiros à revolução bolivariana, fazendo uma ampla campanha no Brasil contra a mídia servil e pró-imperialista que calunia e conspira a nível continental, justamente por temer o poder de contágio da revolução, que o seu exemplo indique outro caminho, que outra América Latina seja realmente possível, muito diversa do gradualismo liberaloide da atual perspectiva que se dá ao Brasil, que recolla as forças expressadas – e desviadas no referendo sobre o gás – pelas massas bolivianas, pela ação das massas argentinas, equatorianas, peruanas, e unifique todas estas forças numa onda enorme que o imperialismo não possa conter.

A lição da Venezuela é fundamental para se debater sobre a urgência e necessidade de uma mudança de rumo na política do governo Lula no Brasil. É preciso apoiar todas as propostas unificadoras como a da TV do Sul, do Banco do Sul, da Universidade do Sul e da Petroamérica, e imprimir um ritmo maior na implementação da Reforma Agrária e de todas as medidas sociais urgentes. Participação democrática, referendária do povo brasileiro para contrapor-se ao leilão das riquezas nacionais. Cortar os laços com o FMI, e depositar o correspondente a pelo menos metade da dívida externa no crédito do Banco do Sul para resolver os problemas cruciais da sobrevivência do povo latino-americano.

E, finalmente, fazer uma reflexão sobre a capacidade de uma liderança de origem militar – como está cheia a história da América Latina – de representar com profundidade as aspirações das camadas mais pobres da população e defender os interesses nacionais de um povo, que nada tem a ver com nacionalismo estreito nem o chamado populismo dos anos 50 ou 60. Há um fenômeno novo, profundo, que desafia a esquerda tradicional, mais às voltas com o aburguesamento e a venda dos princípios que a nortearam até ontem, em função das idéias neoliberais, que disposta a encerrar os novos movimentos, as novas rebeldias, que dos fóruns globais à resistência do Iraque, desafiam os esquemas conservadores, conciliadores e traidores dos interesses populares. Não aproveitar, no Brasil, este resultado eleitoral extraordinário, democrático e de massas da Venezuela, para impulsionar a frente única anti-imperialista entre todos os países da América Latina, seria uma demonstração de incapacidade e capitulação. □

31 de agosto de 2004

## A necessidade imprescindível da Televisão do Sul para o triunfo da Revolução Bolivariana e a sua extensão a toda a América Latina!!

*Tese apresentada no II Encontro Mundial de Solidariedade com a Revolução Bolivariana*

Os acontecimentos internacionais são evidentes: o imperialismo norte-americano baseia seu poder de intervenção militar e de opressão em grande medida sobre seu domínio através dos meios de comunicação. Antes que os bombardeios e os ataques de infantaria, trabalham com ataques fulminantes contra a verdade, contra a consciência e a cultura dos povos. Criam o chamado “consenso” para justificar o que está proibido pelas leis internacionais, pelos princípios da liberdade e autodeterminação dos povos. A moral, a ética e a religião são invocadas, como se fosse o direito divino da intervenção. O credo obrigatório é o modelo ultraliberal, a globalização capitalista com a única via de acumulação pelos países dominantes. Aquele que se oponha, resista e não aceite este trágico destino de neocolônia, é incluído na lista dos “terroristas” e do “eixo do mal”, portanto, sujeito a todas as consequências da agressão, o golpe de Estado e a ocupação militar. Todas as guerras recentes, desde o desaparecimento da União Soviética, foram demarcadas por esta característica do uso do despodorado dos meios de comunicação massivo para enganar e narcotizar os povos, a chamada “opinião pública” e justificar a bárbara agressão, como ocorreu nos acontecimentos da ex-Iugoslávia, da Albânia, e depois, no 11 de setembro, sobre o qual mal iniciou a sair a verdadeira versão dos fatos.

Os mesmos fatos, sem embargo, mostram os limites das armas do imperialismo: a mentira pode preceder uma intervenção e um golpe, mas não pode durar eternamente. Já o povo norte-americano está encontrando as vias e os canais de comunicação para entender o que o seu governo está fazendo pelo mundo em nome da “democracia”. Assim, o que entendeu o povo espanhol ao derrotar o governo reacionário de Aznar, que mentiu e queria continuar mentindo. O Povo italiano fará o mesmo, nas mãos de Berlusconi e do seu total controle dos meios de comunicação.

Sem embargo, mesmo que as vitórias militares e políticas do imperialismo não sejam duradouras, acarretam um altíssimo custo para os povos atingidos pela sua fúria. Os prazos e os ritmos na História são fundamentais; são determinados com o sangue, a miséria e

a fome. Mesmo que o imperialismo não possa estabilizar as suas vitórias, suas conquistas, estas deixam um rastro de horror e destruição por onde passam. Basta olhar a tragédia dos povos que sofreram intervenções da Otan e da chamada “comunidade internacional”, desde a ex-Iugoslávia, passando pelo Kosovo, o Afeganistão e o próprio Iraque. Neste país, dois milhões de civis morreram em dez anos de embargo criminoso. E agora com a nova guerra, os imperialistas jamais poderão ganhar. Qual será o custo? No Afeganistão, que está longe da pacificação, qual vai ser o custo?

Para não nos afastarmos demasiadamente do nosso Continente, qual foi o custo da guerra na Nicarágua e suas consequências? Este país tinha um projeto de mudanças não muito diferente do projeto bolivariano, e não obstante, os Estados Unidos lhe fizeram a guerra total, até a destruição da espinha dorsal do processo revolucionário. Tudo voltou à opressão e à miséria de antes. El Salvador, Guatemala, Honduras, tudo pode mudar, desde que nada mude.

Quem resiste e não aceita a imposição, exemplo único e heróico, é Cuba. Porém, paga um preço alto pela sua altivez, seu orgulho e seu exemplo de

deias internacionais informam mal e caluniam a Venezuela, deixando uma imagem distorcida, equivocada e totalmente maniqueísta do processo. Por isso, em todo o mundo, “celebraram”, em todos as manchetes, o golpe de 2002, como uma consequência “natural” das “loucuras” do presidente Chávez. No dia seguinte ao dia do fracassado golpe não produziram mais que uma tímida autocrítica que não durou uma semana. A mídia comercial do Brasil, por exemplo, ainda comemorava o golpe quando Chávez já havia voltado ao poder, inaugurando um raro tipo de “jornalismo”. Até hoje não pediram desculpas à sociedade brasileira, e o continuam mantendo. São incorrigíveis! Em todo caso, para eles, o ódio e a radicalização do processo na Venezuela, continua sendo culpa do “chavismo”.

Em primeiro lugar, é todo o sistema de informação do imperialismo mundial que difunde o ódio contra o presidente Chávez e o “chavismo”.

Aqui mesmo, na nossa América Latina, não há diário, não há televisão que informe objetivamente acerca da Venezuela e tampouco de Cuba. É a “deontologia do horror e da mentira”; todos os editorialistas, os redatores, os manuais do periodismo obrigam a menção do “ditador” antes do nome de Fidel Castro, e o de “golpista” antes do nome do presidente Chávez. É um bombardeio, permanente e constante, tudo em nome de uma “democracia” que não há, nem pode haver no nosso Continente, com os indicadores crescentes – como mostra o recente informe do BID – de desigualdade, miséria e paralisia econômica.

O ódio contra qualquer processo de mudança, de reforma agrária, de distribuição de ingressos e de riquezas, contra qualquer indício de política econômica independente, faz desencadear imediatamente os mais absurdos ataques, a tentativa de desmoralização não somente dos líderes, mas dos próprios movimentos populares.

Os dogmas da ortodoxia neoliberal não podem ser tocados, sequer discutidos.

Os movimentos de rebelião popular na Argentina, na Bolívia, no Equador, na Colômbia e no Brasil, são reduzidos a “utopias”, e depois enganados, mistificados, traídos.

Este é o cerco à revolução bolivariana, que não pode ser ignorado; e a arma fun-

damental deste cerco é a informação. É o que precede a conspiração, a formação de grupos paramilitares, a agregação dos setores mais reacionários, o locaute empresarial, a desinvestimento, a produção artificial do caos, da anarquia, a sabotagem aos planos de desenvolvimento e o normal funcionamento da economia, para em seguida dar lugar à ação militar propriamente dita, que pode partir dos próprios setores conservadores e duvidosos das forças armadas de um país, ou ser diretamente alimentadas e assessoradas pelos militares norte-americanos, como no caso da Colômbia, para finalmente dar lugar à intervenção aberta dos marines.

Toda a História da América Latina está cheia destes exemplos, que não podem ser ignorados num momento tão importante da Revolução Bolivariana. A originalidade de cada processo, o enorme consenso conquistado, as vitórias contra os golpistas e conspiradores, nada disso pode induzir a minimizar e a desconsiderar o risco, pois o inimigo está organizado numa aliança mundial, é um exército internacional conservador e disposto a tudo. E vai tentar outra vez, pois na história, não há caso em que uma classe abandone o poder sem reagir de modo criminoso, com as armas que tenha, entre elas com a guerra informativa mais suja.

Por tudo isso, consideramos urgente, inadiável e totalmente possível a constituição da TV do Sul.

Não é aceitável que milhões e milhões de pessoas, de trabalhadores, de militantes, de militares e civis honestos, que apoiam a transformação, que estão dispostos a dar a própria vida para que a nossa América mude e mude profundamente em favor da justiça social, não tenham meios de comunicação, de informação e organização coletivas.

Já passou a hora de que um poderoso meio de união dos povos antecipe a integração econômica, social e política embrionária como os acordos tipos Mercosur, o Pacto Andino e a Alba. Que estes tenham um meio de compreensão, de pressão e possam pesar nos processos políticos, formando parte de um processo de comunicação poderoso, que não possa ser enganado pelos meios de comunicação privados ou em mãos do imperialismo.



**Hugo Chávez e a sua luta por colocar os meios de comunicação a serviço do povo venezuelano e das massas exploradas da América Latina**

sociedade. Está sempre na mira da agressão imperialista, mas registra os mais elevados indicadores de justiça social, de educação e saúde, com os meios de comunicação públicos a serviço da cultura e da informação.

É neste contexto que é preciso apoiar e analisar a proposta do Presidente Hugo Chávez de criação da TV do Sul e a importância deste instrumento para a experiência venezuelana e a Revolução Bolivariana. A dolorosa experiência já vivida no golpe assassino de abril de 2002, ensina muito sobre a urgência e necessidade de novos instrumentos de mobilização e consenso social, para que os sonhos se possam realizar e generalizar em todo o continente.

Já sabemos que a arma principal do inimigo tem sido, além dos dólares derramados na ajuda à “oposição”, o domínio quase absoluto dos meios de comunicação de massas. Esta tem sido

a ferramenta do recrutamento, da união e ação subversiva dos golpistas. Além disso existe a estrutura profundamente desigual do país, e a radicalização profunda entre as classes ricas e a massa dos cidadãos pobres, quando a História requer e exige erradicar as diferenças sociais inaceitáveis e reparar as injustiças de séculos de opressão, como pretende a Revolução Bolivariana.

É importante analisar os mecanismos do golpe e a sua preparação, para se poder entender a nova intenção do golpe e a destruição do processo revolucionário e da esperança do povo venezuelano.

Em primeiro lugar, é todo o sistema de informação do imperialismo mundial que difunde o ódio contra o presidente Chávez, contra o “chavismo” e a Revolução Bolivariana. Todos os jornais, informativos, todos, absolutamente todos os meios de informação das grandes ca-

**Já sabemos que muitas medidas estão em curso pelo Governo Bolivariano, mas aqui agregamos algumas sugestões para uma comunicação democrática:**

- ✧ Não se trata de meios de propagando convencional, mas de instrumento, ferramenta de participação e consciência social.
- ✧ **Há um desprezo total das culturas, idiomas, tradições, história dos movimentos sociais locais.**
- ✧ **No momento da ação e da coordenação, as massas devem ter ferramentas de comunicação prontas.**
- ✧ **Criar um Fundo de Apoio à Comunicação Democrática** para equipar e instalar televisões e rádios comunitárias em cada município, localidade, bairro, nas mãos de organizações sociais, sindicatos, universidades, centros de produção de cultura e informação. Este **Fundo de Apoio da Comunicação Democrática**, deve ser formado a partir da taxa da publicidade comercial, pois a comunicação social é um serviço público. O espectro electromagnético pertence aos povos e os magnatas da mídia o utilizam em modo privatizado. Têm que pagar para usá-lo! Todos estes recursos devem alimentar este Fundo, para financiar a compra de equipamentos e a formação em massa dos comunicadores populares.
- ✧ Criar **Escolas de Comunicadores Populares do Sul**, a partir do chamado do Presidente Hugo Chávez para criar uma Universidade do Sul, se pode trabalhar para instalar uma Escola de Comunicadores Populares do Sul, com a participação de jornalistas, cineastas, intelectuais de todos os países.
- ✧ **Convênio de Satélites do Sul** – seria um instrumento para burlar o controle das transnacionais imperialistas sobre os satélites, a partir da cooperação entre os países que tem já seus satélites como Brasil, China e Índia, de tal maneira a garantir a democratização do sinal. Começar com alguns ensaios, por exemplo, com a transmissão de eventos massivos importantes como o próprio Forum Social das Américas, em Quito, disponibilizando o sinal da TV por satélite para ser captado por milhões de antenas parabólicas e repetido por televisoras comunitárias, universitárias e públicas de vários países, o que já é tecnicamente possível.
- ✧ Para isso, além dos equipamentos e frequências legalizadas, é preciso capacitar milhares e milhares de comunicadores sociais em todos os rincões. Multiplicar a instalação de emissoras comunitárias de TV e rádio em todas as regiões, em todas as universidades públicas e sob controle popular.
- ✧ É preciso criar um sistema de informação nacional e continental que estabeleça cadeias e ligações permanentes entre todas as comunidades produtoras de notícias. A **TV do Sul** pode estabelecer redes com as emissoras públicas, comunitárias e universitárias de todo o continente.
- ✧ É preciso incorporar as rádios comunitárias, sindicais, universitárias, ou mesmo militares (no Brasil há uma rádio do Exército) já existentes na Nossa América, e intercambiar materiais de todo tipo, filmes, reportagens, notícias, informes, debates, para que todos tenham instrumentos de comunicação da própria história. Os militares venezuelanos também devem ter uma rádio de alcance amplo, para fazer frente ao controle do Pentágono sobre a mídia mundial para sua guerra contra a humanidade!
- ✧ A produção de vídeos, filmes, livros e CDs em grande escala deve ser uma meta a curto prazo para enfrentar a ocupação audiovisual imperialista da Nossa América. Como propõe o presidente Chávez, os povos devem conhecer sua própria história, suas culturas, suas músicas, sua cinematografia, suas expressões artísticas populares sempre censura das nos meios privados e colonizados.
- ✧ De certo modo, é preciso atuar com os critérios dos grandes meios de comunicação desde o ponto de vista da qualidade da informação, a produção da cultura, investindo nos melhores artistas, nos melhores intelectuais, mas orientando na direção da criação de uma verdadeira cultura, colocando em relêvo a cultura popular, o resgate da auto-estima dos povos.
- ✧ Neste sentido é preciso fazer uma aberta e qualificada concorrência aos meios privados. Os recursos podem vir do petróleo, de outras atividades do Estado e mesmo do setor privado, na forma de impostos.
- ✧ Não no sentido comercial. É o Estado que tem que se fazer cargo, cobrar um imposto social – o faz o próprio Canadá para sustentar os meios comunitários – sobretudo os ingressos publicitários.
- ✧ Não há que impor uma comunicação estatal, senão recuperar o controle das frequências e concessões e impor seu uso social e informativo, restrições severas à calúnia, à mentira, à provocação e à conspiração, fazendo funcionar um Conselho Nacional de Comunicação Social, com ampla participação dos setores populares da sociedade que impeça qualquer tipo de abuso ou provocação.
- ✧ Então criar uma “concorrência” saudável, para eliminar o lixo das transmissões, impor a recuperação dos valores nacionais, sociais e democráticos.
- ✧ Não se pode impedir a circulação da informação capitalista, porque as classes abastadas possuem Internet, a Televisão por satélite, a CNN, e em parte as classes intermediárias se baseiam nesta informação, mas a televisão e a rádio estatal e social deve chegar a todos os rincões dos países, com a mesma qualidade e tempo de transmissão; não deve haver um vazio; é possível fazer uma revolução na qualidade de comunicação.
- ✧ Em todo caso sim se pode, e se deve, se é que a legislação venezuelana já não proíbe, impedir que capitais estrangeiros dominem os meios de comunicação nacionais. Estabelecer rígidos limites e controles para que isso não aconteça. A comunicação é tão ou mais vital que o petróleo, recurso nacional por excelência e que deve estar sob controle da Nação.
- ✧ Utilizar então satélites, Internet, todos os meios para que o sinal chegue a todos, absolutamente todos os rincões da Venezuela e da América Latina. Fazer um movimento continental de apoio, de retransmissões, de acordos e de legalização para todos os meios, periódicos, rádios e televisões.
- ✧ Devem existir canais especializados na educação, esportes, ciência, informação, debates, a verdadeira história social dos povos, utilizando todos os recursos modernos, mas fundamentalmente que todo cidadão tenha acesso livre e nos horários compatíveis com a própria vida quotidiana.
- ✧ As transmissões devem ser abertas e gratuitas em todos os níveis. Todos os institutos de ensino, os quartéis, todos os escritórios públicos, as instituições, devem prover-se de meios para recepção para o grande público. Todos os povos remotos e isolados devem receber do governo kits de recepção de satélite, televisão e em regiões sem energia elétrica, com sistemas fotovoltaicos para a alimentação.
- ✧ É preciso criar também publicações escritas, um jornal diário de circulação nacional, totalmente gratuito, distribuído para toda a população. Uma imprensa de qualidade, de boa informação e utilidade pública. Não de propaganda de governo, mas de expressão de transformações sociais, sem retórica, mas sobretudo com objetividade jornalística, compromisso com a verdade, com a linguagem e a tradição popular, mas sem deixar de lado o rigor científico e o respeito pela história.
- ✧ Criar um Fundo Público dos Anúncios Privados onde o pequeno e o médio empresário possa anunciar a preços razoáveis nos grandes meios e com estes recursos sustentar este jornal diário de circulação nacional.
- ✧ Apoiar e sustentar uma rede capilar de televisões e rádios comunitárias; fazer transmissões em pool, em cadeias frente a todo e qualquer acontecimento relevante, de luta, de mobilização, debates continentais, sobre todos os problemas fundamentais da nossa época, transmitir a verdade acerca das guerras imperialistas; recuperar e recordar todas as experiências de transformação de nossa América nos séculos, desde Bolívar até Allende, de Cuba até Nicarágua, de Haiti até Bolívia, as experiências das ditaduras; buscar uma discussão e uma explicação sobre o porquê dos processos revolucionários – exceto Cuba – não tiveram possibilidade de continuar, de estender a própria influência; buscar uma única linguagem continental; criar uma trincheira de verdade dos povos, que não possa ser confundida por nenhum sistema tipo CNN, Televisa, Globo; é preciso derrotar os inimigos da verdade e da cultura humana!

## Os limites do Pacto Andino e das tentativas das burguesias para desenvolver a América Latina

Extratos do folheto: “O processo desigual e combinado na América latina e o programa de transformações sociais”

17 de julho de 1977

J. Posadas

*Tendo em vista as iniciativas de Brasil e Argentina para consolidar o Mercosul e também as propostas da Venezuela para uma integração da América do Sul, através de propostas como a da criação da TV do Sul, do Banco do Sul, da Petroamérica e da Universidade do Sul, lançadas por Hugo Chávez, consideramos importante a republicação deste texto de J. Posadas que fala da importância de iniciativas desta natureza, mas também alerta para seus limites, sempre que estiverem dentro do marco do capitalismo, já que, em última instância, o capitalismo mundial termina se impondo pela concorrência. Muitas iniciativas progressistas já foram tentadas por governos nacionalistas latino-americanos, mas, até o momento, nenhuma delas registrou resultados concretos. Seja porque não superavam os limites históricos das burguesias nativas, seja porque não priorizaram os acordos com o campo socialista que era alternativa concreta, ou porque, mantinham, no fundamental, a dependência financeira, tecnológica e comercial ante o imperialismo. Estas medidas de integração só podem avançar se baseadas em medidas de estatização, planejando a economia, o que permitirá ações estratégica nas áreas de transporte (estradas, ferrovias e hidrovias), comunicações, educação, etc...*

As contradições do sistema capitalista formam parte dos alimentos do processo que permitem amadurecer as condições sociais para derrubar o capitalismo, ou para estimular medidas de progresso contra o capitalismo. Mas, faltam direções, o programa e a combinação com as lutas imediatas, as reinvidicações democráticas, de direitos de imprensa, palavra e idéias. A burguesia necessita de um centro de inversão, de reprodução competitiva, porque sente que se estanca, e conseqüentemente, que a luta de classes se agudiza. Setores que antes acompanhavam o capitalismo, tendem agora a ser atraídos por soluções anticapitalistas ou nacionalistas de esquerda. Vêem que o capitalismo, e a sua velha oligarquia, seja cafeeira, açucareira, trigueira, bananeira, petroleira ou pecuarista, não solucionam nenhum problema, como se verificará em muito pouco tempo na Venezuela.

Na Venezuela já houve um estouro, um grito de alarme. São 500 intelectuais (1). Significa que a economia está estagnada, sem se desenvolver, sem possibilidade de competir. As burguesias necessitam de jogo e campo de manobra. Por exemplo: a carne da Argentina tem campo na Europa. O Mercado Comum Europeu pode comprar-lhe toda a carne. Então, na Europa se poderia comer carne Argentina a um terço do que os europeus pagam. Mas, a estrutura da CEE (Comunidade Econô-

mica Européia) impede que isso ocorra, forçando a burguesia a buscar outros mercados. Para isso, necessita aumentar o consumo na América Latina. Isso se aplica também a outros produtos, como o trigo, o açúcar e o café.

Não há estabilidade nos governos latino-americanos, pois tratam-se de oligarquias que vendem um só produto que não requer uma grande margem de competição e concorrência; esta se centraliza em poucos ramos da produção: carne, café, açúcar, frutas; portanto, necessitam-se direções pouco numerosas para poder negociar e dominar o país. Mas, por outro lado, ao não se estender o mercado interno, cria-se a instabilidade que se acentua e pressiona sobre os militares e a pequeno-burguesia, inclusive sobre o setor católico, empurrando-os ao campo nacionalista e de esquerda.

O Pacto Andino, que vem a ser uma espécie de Mercado Comum Europeu, não tem nem qualidades, nem capacidades do MCE. O Mercado Comum Europeu se baseia em condições essenciais que na América Latina jamais serão alcançadas sob o capitalismo: o capital e a grande indústria. Além disso, o Mercado Comum Europeu é o dono do aço, do ferro, do petróleo. Todos os grandes magnatas do petróleo que gritam e protestam, têm seu mercado de venda, fundamentalmente nos grandes países industriais. Todos os países pequenos juntos compram a mesma quantidade que a Itália

compra em uma semana. De modo que o processo desigual e combinado já está estruturado e determina esta forma de processo.

A burguesia não leva em consideração isso; ela sabe que pode fazer manobra e jogo diplomático com os seus “expertos” em economia. O mercado que existe é esse. O resto são os Estados Operários (países chamados socialistas). Nestes sim, a economia latino-americana pode entrar, tem campo, seja com a carne, com os produtos lácteos e outros. Se a Argentina amplia e atualiza a sua produção agrícola, pode produzir dez vezes mais queijo e leite do que agora. Há uma brutal exploração das vacas, que se expressa na diminuição da qualidade. Acelera-se o processo de produção de leite, e, conseqüentemente, diminui a quantidade de proteínas e de cálcio.

O Pacto Andino choca-se com as grandes potências que produzem em dez minutos o que estes países necessitam fazer em um dia. O próprio custo de produção é imenso. E, como o capitalismo baseia todos os seus projetos, planos e programas no lucro, este se efetua através da concorrência e competição com o resto do mundo. Conseqüentemente, a América Latina não tem vez no mundo capitalista.

..... Tudo isso mostra que essa situação não pode transformar-se por combinações geográficas

para produzir, como é o caso do Pacto Andino. Porque enfrenta a competição mundial do sistema capitalista e justo na etapa de sua desintegração, de sua queda. Não na etapa do retrocesso ou de sua velhice, mas de sua desintegração. Desintegrado pelo desenvolvimento dos Estados operários e pelas massas influídas por estes e por sua própria experiência como América Latina, que inclui uma parte imensa da Igreja e do Exército. Toda a estrutura que permitiu manter o capitalismo na América Latina era devida a que ela consistia num ramo do capitalismo mundial. Hoje ela pertence à mesma árvore, mas o ramo já não produz a flor do capitalismo.

É preciso partir dessa consideração. De que o atraso econômico da América Latina não consiste na ausência, na falta de artigos de estudo econômico – que são importantes e podem ser feitos – não consiste na falta de programação econômica, mas na inexistência de classes sociais que dirigem a América Latina que não têm interesse nas transformações, nas mudanças ou no progresso; e que adequam o progresso ao seu próprio interesse, pecuniário de classes e de setor de classe: agrícola, pecuário, petrolífero, mineiro do chumbo, do zinco, do cobre.

Na América Latina há estágios e processos diferentes que têm diversidades de nível, de equilíbrio, mas onde, sempre, o mais avançado determina a linha de todos os demais. Cuba não se reproduziu, mas influi em toda a América Latina. Qualquer processo tem que se dar à “la cubana”, já que todo movimento de ascenso tem que buscar o apoio de Cuba. Além disso, há uma discussão e uma série de fatos que demonstram que há uma reanimação do processo em direção a resoluções nacionalistas de esquerda.

O Pacto Andino tem uma referência especial para permitir os convênios sobre produtos industriais e sobre certas matérias primas que incluem o trigo e, em parte, o café. Mas, a base essencial é permitir a criação, o desenvolvi-

mento e a constituição de um mercado interno em base ao desenvolvimento da indústria, em base ao favorecimento da circulação de capitais a fim de desenvolver uma economia do Pacto Andino. Mas isto é impossível porque o custo de produção nos Estados Unidos e na Europa é a metade do que se pode conseguir na América Latina. E não podem deixar de competir com o curso mundial da economia.

A burguesia latino-americana quer constituir-se competitivamente para enfrentar o imperialismo. Mas mais da metade das estruturas do Pacto Andino são capitais ianques, ingleses, franceses, alemães, ou de empréstimo destes. Não há nenhuma fábrica que se possa considerar de propriedade realmente nativa. Logo, as possibilidades de desenvolver as economias latino-americanas em base ao Pacto Andino, em base à sua capacidade econômica e à organização e investimento financeiro das burguesias locais, são nulas.

Na América Latina, o desenvolvimento técnico avança. Isto se expressa na maior produtividade; significa que, por hora de trabalho, em base a meios técnicos, produz-se muito mais, e conseqüentemente, mais barato. O aumento de maquinarias, implica inicialmente num custo maior, mas, em curto prazo, resulta muito barato e com uma maior mais-valia que a máquina. Esta, por operário, deixa infinitamente menos mais-valia. Mas, por produção total, deixa muito mais. Na América Latina, não podem produzir as máquinas que fazem na Inglaterra, por exemplo, onde um só operário faz o que antes faziam mil. De toda forma, se na América Latina pusessem estas máquinas – podem investir de fora e produzi-las – quem compraria o que elas iriam produzir? Estes são os problemas na economia burguesa latino-americana.

... Há uma estrutura de relações econômicas alcançadas no mundo que só os Estados operários podem mudar. A Venezuela não pode transformar-se com um governo capitalista. Mas, com um governo nacionalis-



Manifestação na Bolívia na defesa da nacionalização do gás

ta e à esquerda, aí sim. Porque a linha do governo venezuelano é de percorrer o caminho do sistema capitalista. A riqueza que vem do petróleo e do ferro engrandece o país e, dentro deste, aos que mandam. Eles vêem que a população não tem onde viver que come muito mal. O petróleo e o ferro não alimentam, enriquecem. Na Venezuela a população é uma das mais desnutridas do mundo e a burguesia é a mais estúpida. Segundo os cálculos da própria burguesia mundial, a Venezuela é o país que importa mais champagne em todo o mundo. Importa mais que toda a América Latina em conjunto. É uma burguesia que se sente sem perspectivas.

#### A Venezuela necessita de um movimento que lute por um programa de transformações sociais

Quando 500 intelectuais e setores da pequeno-burguesia se animam a reunir-se, significa que há um movimento que responde a uma necessidade bastante extensa. Isso requer uma intervenção com muitas explicações, um programa e uma política; e terá imediatamente, muita influência, mais no meio universitário, pequeno-burguês, intelectual do que no movimento operário. Porque o movimento operário é muito reduzido. Se bem que tem havido muitos movimentos, protestos e mobilizações. Mas, é necessário dirigir-se sobretudo a explicar que o progresso da Venezuela não se pode dar com nenhum governo que não tenha um programa – seja social-democrata de esquerda, seja pequeno-burguês. Programa que tem que partir da planificação da produção, e do desenvolvimento da economia. Para

isso, tem que estatizar, como fizeram em geral com o ferro e o petróleo; diminuir as formas de pagamento, de maneira que a riqueza maior fique para o interior, para a instalação de indústrias de transformação de matéria prima. Fazer acordos com outros países da América Latina. Inclusive com a Argentina, Brasil, Colômbia, de venda de petróleo e ferro, em troca de produtos de consumo, carne, queijo, leite, manteiga e outros produtos agrícolas. Enquanto isso, se vai formulando na Venezuela um plano de produção agrária.

É preciso considerar que quando há 500 intelectuais, é porque há uma necessidade para a qual há apenas uma leve resposta. É uma mostra de que existem as condições para realizar um movimento que discuta os problemas sociais, econômicos e políticos, e o programa econômico para a Venezuela; para fazer alianças, reuniões com estes objetivos, formulando a necessidade de planificar a produção na Venezuela para construir casas, estradas, ferrovias, transportes, encanamento de água, luz elétrica; elevar as condições de vida. Tudo isso é possível e deve ser financiado com o “boom” do petróleo e do ferro. Financiar-lo, significa instalar fábricas para a produção de objetos que se necessitam. A burguesia acumula para si. Como não tem confiança, nem crê no porvir, e não se sente capaz de competir, não tem interesse nessa programação; se dedica a acumular para si sem nenhuma perspectiva. □

(1) Movimento de Intelectuais de esquerda que naquela época propuseram uma Frente Eleitoral.

(2) Volta à constitucionalização e eleições parlamentares.

#### CANÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DA NICARÁGUA E VENEZUELA

(Vem da página 8)

lembança”. O passado de assassinatos, matanças, será superado com o desenvolvimento harmonioso, amoroso da sociedade. Não com o sentimento de vingança, mas com o desenvolvimento do progresso. E tinham razão de sobra para querer vingar-se. Isto se vê por esta canção das mulheres, onde relatam matanças atrozes, como era esta de jogar dos aviões, no meio da selva, as crianças que se negavam a dar informações à ditadura.

Toda esta repressão que a canção descreve, tinha o objetivo de esmagar, de intimidar, e mesmo assim, o povo se levantou: camponeses, homens, mulheres e crianças triunfaram. Foi resultado da influência da relação de forças mundiais sobre a Nicarágua; a influência da revolução vietnamita e – através dela – do conjunto da revolução mundial. E esta canção que diz: “É preciso mudar a história. Vamos ter que fazer isto, porque um povo que vai à vitória, ninguém pode deter”. Isso mostrava que não se intimidavam com nada. E unem a natureza à sua luta, por exemplo, quando dizem: “A montanha inteira chorou”, por causa da repressão aos camponeses; unem a paisagem, a geografia, a montanha, como parte da luta – porque os protege – ao sentimento de dor provocado pela morte dos camponeses.

#### As canções de “Ali Primera” na Venezuela

Há destas canções na Venezuela, como as do cantor *Ali Primera*, bem como em outros países. Os melhores cantores e músicos cantam canções revolucionárias; não de desespero ou acusação aos ricos e à burguesia, mas de críticas sociais. *Ali Primera* canta muito bem e combina o canto de crítica ao sistema capitalista com a declama-

ção, na mesma linha destas canções nicaraguenses. Estas são as canções da América Latina influídas pela relação mundial de forças, e diretamente por Cuba, Angola e Moçambique; mas, sustentadas pela União Soviética e pela relação mundial de forças.

... O fato de existir a canção revolucionária é muito significativo. Mostra que há um certo nível de resolução, de relações sociais e alguma cultura. As revoluções na África não têm canções como na América Latina. Na América Latina, tanto antes como durante e depois da revolução, há canções e mais canções. Existe uma base de tradição histórica, que é a luta contra a invasão espanhola, portuguesa e depois inglesa e contra os ianques; mas, foi durante as colonizações espanhola e inglesa que se formaram os grandes movimentos de guerrilha. No começo eram movimentos também da burguesia. A burguesia na América Latina queria desvencilhar-se do reino da Espanha, e depois do reino da Inglaterra. Daí surgiu uma infinidade de canções e também a tradição das canções.

#### A canção acompanha as revoluções

Toda a revolução é acompanhada previamente pela canção, é desenvolvida com a canção, e concluída com a canção, e também com o triunfo. Tanto o canto, quanto a música, são expressões de otimismo e de segurança. Quando a revolução é acompanhada e precedida pelo canto, é sinal de que há muita segurança, mesmo que falte compreensão política e meios materiais, armas, a canção demonstra que já existe a segurança no triunfo. Não se trata simplesmente de alegria; o canto reflete otimismo, segurança e forma parte do triunfo da revolução.

Toda a revolução tem cantos e poesias, o que mostra o amadurecimento – que se manifesta através da poesia ou da canção – da elevação cultural. Isto significa que a revolução

não luta para resolver o problema da economia, mas o problema da vida da humanidade; é por isto que aparece o canto. O canto na América Latina é feito com este objetivo e com o objetivo imediato de viver, como eles dizem nos cantos. Cantam o heroísmo das mães, das crianças, das mulheres, dos velhos que a reação não conseguiu esmagar; mesmo na maior repressão e adversidade, cantavam, para que os demais continuassem a lutar e triunfassem.

#### A criança da Nicarágua, defensora da Humanidade

Um povo tão pequeno, tão pobre, como o da Nicarágua, encontra formas de criar essas canções; e o objetivo não é pedir mais, ou pedir comida, mas desenvolver a justiça, no grau que ela pode ser desenvolvida atualmente. Quer dizer, eliminar a opressão sobre as pessoas, e que todo mundo tenha condições para viver, comer e estudar. Nas canções eles não falam do estudo, nem da cultura, mas isto está implícito; e falam de algo que nós destacamos sempre que é a função das crianças

Já na se canta para satisfazer ou agradar ao ouvido. Canta-se como meio de impulsionar a inteligência; esta é a fórmula do canto, e da música também. A força do canto está na vontade das pessoas que é o que prepara as canções, e na vontade da criança de dez anos, “defensora da humanidade”. Daí vem a força da canção! □

(1) Texto a respeito das canções nicaraguenses do cassette “Homenagem ao General de Homens Livres” (Sandino) do conjunto musical Pancasan e dos cantores Luiz Henrique Mejia e Carlos Mejia Godoy.

(2) José Batlle y Ordoñez: Chefe do Partido Colorado, do Uruguai, foi presidente do país de 1903 a 1907 e de 1911 a 1915 e tomou uma série de medidas progressistas e de nacionalizações.

Hipólito de Irigoyen – Líder do Partido Radical argentino, ocupou a presidência do país de 1916 a 1922 e de 1928 a 1930.

(3) Ruben Dario (1869-1916) – Poeta e ensaísta nicaraguense. Participou do movimento modernista que renovou as letras na América e na Espanha.

LEIA, DIFUNDA E ASSINE!

**Brasil de Fato**

## O SIGNIFICADO DAS CANÇÕES REVOLUCIONÁRIAS NA NICARÁGUA E DE “ALI PRIMERA” NA VENEZUELA

27 de julho de 1980

J. Posadas

Uma maneira para medir a profundidade do processo revolucionário na Venezuela está na presença das canções de *Ali Primera* em todas as concentrações de massa, cantadas de modo comovido por Hugo Chávez em coro com a multidão. O sentimento revolucionário requer várias formas de expressão e o canto e uma delas, elevando a decisão e a comunicação revolucionárias entre as massas proletárias. Para refletir sobre o papel das canções junto à tradição revolucionária da América Latina, publicamos extratos deste texto de J. Posadas e convidamos todos os movimentos revolucionários e artistas da luta a uma maior integração do canto nas atividades, como bem faz Hugo Chávez. O artigo se encontra na íntegra na página WEB: [www.revolucaosocialista.cjb.net](http://www.revolucaosocialista.cjb.net)



Ali Primeira continua vivo no cantar revolucionário do povo venezuelano

– irremediavelmente – rumo à revolução social. O objetivo programático de Sandino, bem como o dos mexicanos de sua época, era o da libertação nacional, ou seja, expulsar o imperialismo. Estas canções mantêm vivas as recentes experiências da revolução nicaragüense, e a força da revolução nicaragüense. As letras são mais expressivas que a música

... Estas canções expressam também, uma atitude um tanto genérica – não ingênua, ainda que tenha aspectos de ingenuidade – da revolução nicaragüense. O que é lógico, porque não há Partido, nem sindicatos, o peso proletário é mínimo; não se pode contar com uma tradição de lutas proletárias, porque não existem. São quase 50 anos ininterruptos de assassinatos feitos pelo Somoza, e de inexistência de vida sindical. Então, é lógico que a canção reflita esta situação.

O que vale e determina a qualidade das canções é a vontade de derrubar o poder imperialista, burguês, e transformar a sociedade. Na canção, não desenvolvem o programa de transformações sociais, mas isto está presente na declaração que fazem em uma delas, de que querem fazer como no Vietnã. São pequenas revoluções, pequenas pela importância econômica e política, mas que adotam o programa das grandes revoluções. Por isto, no seu desenvolvimento e, nas suas canções, tem que expressar-se o pouco peso da força decidida do proletariado. Isto se expressa na linguagem, nos

objetivos declarados e no desenvolvimento do processo revolucionário.

### A tradição do canto na América Latina

Uma das expressões desta vontade e harmonia dos povos atrasados que buscam o progresso – atrasados, mas com certas bases culturais, ainda que restritas a pequenos setores da pequeno-burguesia – é uma das canções em que o pai diz ao filho que tome o fuzil e o violão, e que “aponte, dispare e cante”. Une a função da guerra com a do canto. Não tem o propósito de matar, assassinar ou destruir; pois mesmo matando, se é para o progresso, não está destruindo. Liquidar o nazismo e a burguesia não é destruir, é ordenar as formas de vida, eliminando aquilo que trava o progresso. Estas balas não destroem, são balas cheias de harmonia de carinho que são utilizadas para construir o progresso e são usadas junto com o violão e o canto.

.... No começo de uma dessas canções, se ouvem pássaros, dando uma imagem do peso que tem a natureza na Nicarágua. A Nicarágua é uma selva. Quase toda a América Central é uma selva. Nos limites sul e norte da Nicarágua, também é selva; ainda que sem tanta concentração de cores, árvores, do conjunto da vegetação. Ai é menos denso. As florestas da Nicarágua, assim como as do Brasil e do Paraguai são belas e cheias de milhões e milhões de cores,

de trinos de todos os tipos de pássaros. E esta canção começa assim, não somente para representar as florestas da Nicarágua, mas também para mostrar que a ação dos guerrilheiros incorpora a melodia da canção do pássaro. É por isto que logo em seguida do canto dos pássaros, vem a canção.

A concepção genérica a que nos referimos antes, se expressa através das canções, quando elas caracterizam o inimigo; não dizem “a burguesia” ou “os explorados”, dizem: “Os ricos, que chegam ao seu fim”, “todos os dias os ricos roubam nosso pão”. Usam uma linguagem de caracterizações que mostra a ausência de uma qualificação de classe. Mas o que determina neles não é esta insuficiência, mas a resolução de transformar a sociedade; e depois, vão aprender o resto. Pois apesar de tudo, eles não deixam de dizer: “Trabalhadores ao poder!”.

“Semearmos o amor na cicatriz da lembrança”

Há canções muito sensíveis e emocionantes que contam sobre as mulheres que foram torturadas e gritavam de dor, mas diziam: “Não vimos ninguém”. Relatam as matanças de centenas de mulheres e que nenhuma delas abriu. Torturavam as crianças de 8 a 12 anos, e elas não falavam e somente diziam: “Não vimos passar ninguém”. Há uma figura poética muito bela: “Semearmos amor na cicatriz da

(Continua na página 7)

ALI PRIMEIRA nasceu em Coro em 31 de outubro de 1942 e faleceu em Caracas em 16 de fevereiro de 1985. Foi um cantor de música de protesto, de família humilde, desde muito jovem compartilhou sua afinidade pela música com o trabalho de comerciante. Ao concluir seus estudos primários em 1957, trasladou-se para Caracas para continuar os estudos secundários. Em 1969 viajou para a Europa e gravou seu primeiro disco que teve um grande sucesso: “Gente da minha Terra”. Neste anos fez-se militante do Partido Comunista da Venezuela e depois, membro fundador do movimento ao Socialismo (MAS). Desde 1973 até sua morte, gravou 13 discos e participou de numerosos festivais em toda a América Latina. Suas canções mais conhecidas: “Casa de Cartão, Cruz Salmerón Acosta, Flora y Ceferino e Canção Mansa para um Povo Bravo”, formam parte do acervo cultura da Venezuela. Faleceu em consequência de um acidente de trânsito.

Estas canções são das primeiras criadas pelos sandinistas; há algumas que vêm da época de Sandino (1), outras foram feitas em plena luta, e outras logo depois da tomada do poder. As mais recentes têm todo o ímpeto, a força, a resolução da revolução nicaragüense; e isto também se expressa nos temas escolhidos. São todos temas da luta coletiva, da luta pela terra, da guerrilha, da função de Sandino, de quem eles dizem ser continuadores. No sentido histórico pode se considerar que eles são continuadores de Sandino. No sentido concreto, não. O programa concreto já não é o mesmo. Hoje, já existe um programa de transformações sociais, diversamente de Sandino. Não se contrapõem, mas não é o mesmo programa de Sandino.

A luta de Sandino não tinha o mesmo alcance que a atual, seu objetivo era expulsar os ianques. Era um movimento que tinha como objetivo a libertação nacional, mas que ia